

Tem soneto no ônibus Jovens "invadem" ônibus, trens e metrô para recitar poesia aos passageiros

POR FÁBIO FUJITA

CINCO OU SEIS jovens entram pela porta dos fundos de um ônibus circular da capital paulista. Parecem animados por embarcar graças à generosidade do motorista, que dispensou o pagamento da passagem. Nem sempre é possível burlar a catraca, razão pela qual as meninas do grupo costumam assumir a dianteira na hora da abordagem. Os funcionários das empresas de transporte parecem mais sensíveis ao carisma feminino. Assim que o ônibus toca viagem, uma das moças põe-se à frente e começa a discursar para os demais passageiros em altos brados: "Muito boa tarde a todos. A gente poderia estar matando, a gente poderia estar roubando..." Imaginando deduzir a natureza do discurso, alguns dos passageiros fingem a mais plácida indiferença, enquanto outros tratam de acionar seus fones de ouvido para buscar coisa melhor no MP3. Mas o discurso prossegue: "A gente poderia estar ouvindo funk alto ou estar dormindo e babando no seu ombro". São os mais atentos, a captar o alívio cômico, percebem tratar-se de algo diferente, o que se confirma na sequência ao ouvirem: "Mas não: estamos aqui, humildemente, para recitar e distribuir poesia".

Assim começa a atuação do grupo Poetas Ambulantes. Proposta ousada: "Disseminar algum lirismo em meio a carceranças irritadas na clausura dos coletivos urbanos de São Paulo". Sejam ônibus, sejam trens ou estações de metrô. Três rapazes e quatro garotas formam o núcleo duro da trupe, mas outros amigos e simpatizantes sempre se somam às intervenções. O grupo, que nasceu inspirado no bordão favorito dos vendedores ambulantes, não pede contribuições em dinheiro, apenas "minutos de atenção". Depois de se apresentarem, eles iniciam, então, o que chamam de "disparos poéticos": uma alucinante verborragia que pode incluir desde excertos de trovas



POETAS AMBULANTES

LOCAL: SÃO PAULO (SP)
 INÍCIO: SETEMBRO DE 2012
 Nº DE INTEGRANTES: 7
 BLOG: POETAS-AMBULANTES.BLOGSPOT.COM

famosas até micropoemas de autoria deles próprios. Em geral, as declamações dentro dos coletivos acontecem como performance, em que os integrantes recitam seus poemas um na sequência do outro, de forma ensaiada, como num jogo. Mas isso pode variar conforme a lotação ou a interação com os passageiros. "Se está muito cheio, a gente se divide para falar para pequenos grupos. Se tem uma senhora ou criança, a gente fala mais baixo uma poesia para elas, de forma individual", detalha Carolina Peixoto, uma das moças do grupo. Além dela, integram a trupe Luiz Ribeiro, Mariane Staphanato e Mel Duarte.

Os Poetas Ambulantes fizeram a primeira ação pelos coletivos da cidade em setembro de 2012 e, a partir daí, aprimoram alguns aspectos que não funcionaram bem nas primeiras vezes. Uma das estratégias, testada no início e descartada em seguida, foi a utilização de megafone nas incursões pe-



lo metrô. Se a ideia da poesia ambulante é animar esses ambientes em geral tediosos que são os coletivos, o som alto do megafone acabava por gerar desconforto aos passageiros – e multiplicar o número de caras enfedadas.

Para não correrem o risco de ser ignorados, os integrantes não se limitam a declamar seus versos. Sempre puxam papo com as pessoas, incentivando-as a participar. Como o embaraço costuma ser generalizado, os jovens estimulam as declamações alheias oferecendo livros de presente, obtidos em algumas editoras parceiras. Num ação recente, quando eles pareciam falar com a catraca diante do silêncio geral, sobrou para o cobrador provar que há, sim, poesia reprimida no bumba. Usando sua melhor dicção, mandou: "Minha terra tem palmeiras onde conta o sabá/As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá". Elementar? Talvez. Mas o cobrador não só recitou aqueles primeiros versos da Canção



Insistência. Os poemas já causaram problemas com a segurança do metrô, mas a trupe prefere lembrar dos bons momentos, como a ocasião em que um cobrador recitou Gonçalves Dias



do Exílio, como cravou o autor: "Gonçalves Dias!" Ganhou palmas e um livro.

Nas estações de metrô, a trupe muda um pouco a forma de atuar em razão da própria diferença de espaço (mais amplo) em relação aos ônibus. Assim que as portas se abrem, os jovens entram à paisana juntamente com a manada e, quando possível, acomodam-se nos assentos, em silêncio. Assim que as portas se fecham, um deles se levanta já declamando, sem preâmbulos, ao melhor estilo fanático religioso. As pessoas, desconcertadas, demoram a entender o que está acontecendo, ainda mais quando um segundo orador já assumiu a palavra, o que denota a ação coletiva. Na última saída do grupo, numa tarde ensolarada de fevereiro, parte do trajeto foi feita na linha lilás do metrô. Mesmo com Camões (*O amor é fogo que arde sem se ver*) e Drummond (*Memória*) no repertório, eram os poemas de tiro curto os que mais tiravam sorrisos das pessoas. Como o que Thiago mandou chegando à estação Capão Redondo: "Se os

meus versos de amor não chegam até você/É porque estão presos na Marginal Tietê".

Porante o perfil eclético de pessoas que circulam no transporte coletivo, além da possibilidade natural dos ruídos de comunicação, nem sempre a ambição poética alcança seu fim. Um micropoema intitulado *Semana Santa* (de Thiago Cerveira) diz: "Pachão no mar do igrejão alerta: padre, carne de menino também não pode". Depois de recitá-la, Carolina teve de lidar com a reação de uma senhora: "Fica aí falando mal de Jesus, quero ver o que você vai dizer

quando ele voltar", vociferou. Também já houve ocasião em que alguns dos jovens acabaram reprimidos pela segurança do metrô. Os papéis coloridos que carregavam para distribuir, com pilulas poéticas escritas à mão, foram enquadrados como "delito" de panfletagem. É no afã de desarmar esses espíritos bélicos que os trovadores ambulantes gostam de evocar os versos de Marcio Vidal, que apontam: "Me perguntaram por que falo de amor quando o mundo está em guerra/Francamente respondi: para que a guerra acabe!"